

“Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo”: performatização da identidade travesti e o contexto urbano mossoroense

“Small town ain't no place for travesti, that's a smoking gun”: performatization of travesti identity and Mossoró's urban context.

Pietra Conceição Azevedo e Elcimar Dantas Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7901>

DOI: 10.4000/pontourbe.7901

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Pietra Conceição Azevedo e Elcimar Dantas Pereira, « “Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo”: performatização da identidade travesti e o contexto urbano mossoroense », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7901> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7901>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo”: performatização da identidade travesti e o contexto urbano mossoroense¹

“Small town ain't no place for travesti, that's a smoking gun”: performatization of travesti identity and Mossoró's urban context.

Pietra Conceição Azevedo e Elcimar Dantas Pereira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 07/05/2019

Aceitação / Accepted 13/05/2020

“Se joga, mona!”: notas introdutórias

“O amor eu aposto no jogo entre cartas, cervejas,
fogo e queijo coalho
No baralho jogo os "As"
Te embaralho, sou dama de paus”
(Uma canção para você - As Bahias e a Cozinha
mineira).

- 1 Na realização de uma pesquisa de campo com quatro travestis, entre julho de 2015 e setembro de 2017, nos moldes da antropologia social com base na observação participante, refletimos como o contexto urbano influencia na performance identitária das travestis na cidade de Mossoró/RN. No desenvolvimento de uma pesquisa de caráter descritivo, analítico, qualitativo e multidimensional, utilizamos a etnografia como base de um trabalho de campo empírico. Etnografia é, acima de tudo, uma

descrição densa, que condiz à descrição interpretativa e microscópica da realidade estudada (Geertz 2008).

- 2 Nesta perspectiva, empregamos como técnicas a comunicação verbal, observação do comportamento manifesto e o contato via redes sociais, que correspondem de forma mais específica às conversas semiestruturadas realizadas através de diálogos pontuais (alguns gravados), acompanhamento cotidiano presencial e virtual (este segundo é apenas complementar ao primeiro), diário de campo que foi alimentado sistematicamente de acordo com a realização da pesquisa.
- 3 O acompanhamento permeou vários lugares, como domicílios delas e meu, festas diversas, teatro, escola, universidade, centro da cidade, entre outros espaços, realizado majoritariamente de forma individual, mas por vezes também “coletivo”, pois em poucas ocasiões pude acompanhar duas das interlocutoras juntas. Além da vivência cotidiana mais sistemática com as interlocutoras, acompanhei de forma mais distante outras travestis que também moram na cidade em suas diversas práticas cidadinas.
- 4 Com isso, selecionei quatro travestis² dentre as várias que tinha estabelecido contato, baseando-se no grau de aproximação/empatia e diversidade dos “perfis”. Esta atitude metodológica caracteriza o *locus* como “fragmentado”. A quantidade proposta de interlocutoras foi pensada tendo por base a dificuldade de acompanhar o cotidiano de um número alto de travestis de forma individual. A seguir descreverei sumariamente quem são as interlocutoras.
- 5 Paola³ é uma travesti branca que tinha 23 anos de idade. Residia na periferia da cidade e morava com sua mãe e uma tia. Natural de Mossoró, trabalhava formalmente como cabeleireira em um salão de beleza de propriedade de outra pessoa. Ela começou sua transição de gênero aos 16 anos de idade. Paola não tinha feito nenhuma cirurgia estética de feminilização do corpo, mas estava juntando dinheiro para colocar a prótese de silicone nos seios e pretendia fazer uma modificação no nariz. Ela estudou até o 3º ano do ensino médio e tinha feito cursos de cabeleireira e maquiagem.
- 6 Ana tinha 27 anos de idade e o começo da transição de gênero tinha iniciado desde os 17 anos, é negra e moradora da periferia junto com a mãe e irmãos. Concluiu o ensino médio, apesar das dificuldades sofridas na escola. Ela já trabalhou em diversas empresas e o seu último trabalho formal durou dois anos e seis meses como atendente de telemarketing. Na época da pesquisa ela trabalhava como profissional do sexo, com os “PG’s” (programas) e com *streap-tease* virtual. Sua rotina se alternava entre o trabalho que não tem horário fixo e a militância trans que é realizada em momentos esporádicos.
- 7 Karla é branca e natural de Mossoró. Preferiu não dizer sua idade e morava com a mãe. Trabalhava formalmente em uma clínica hospitalar privada. Concluiu o ensino médio e chegou a cursar até o quarto período de Matemática em uma universidade pública. Foi casada durante quatro anos com um homem cisgênero⁴. Ela iniciou a transição de gênero aos 13 anos de idade. Em 2014, passou por um procedimento cirúrgico que envolvia uma lipoaspiração e um implante de 400 ml de silicone em cada seio. Na época da pesquisa não pretendia fazer mais nenhuma modificação em seu corpo.
- 8 Gaby é negra, no auge de seus 31 anos de idade (na época), e começou sua transição de gênero com 20 anos. Natural do Rio de Janeiro, ela só veio morar com a mãe e irmãos no Rio Grande do Norte após a morte do pai. Ela era concursada como agente comunitária de saúde de uma outra cidade; durante um período da pesquisa encontrava-se de

licença. Residia sozinha em um apartamento em Mossoró, era acadêmica de uma universidade pública do município e sua fonte de renda principal era a prostituição, mas ela também fazia alguns trabalhos como cabeleireira.

- 9 Os cotidianos de Paola, Ana, Karla e Gaby se cruzavam em pouquíssimos momentos. Já as trajetórias de vida delas tinham marcadores comuns. Assim, aquilo que afirmo ser a performance identitária das travestis considera o que há de convergência, similitude e câmbio entre as singularidades das interlocutoras da pesquisa, bem como as particularidades que emergem sobre o campo da coletividade e expressam o descentramento das identidades travestis⁵.
- 10 Diante dos encontros e desencontros desses quatro cotidianos, refleti como o contexto urbano mossoroense influi nos processos performativos e identitários das travestis, indagando-me sobre os *projetos* (Velho 1981) elaborados por elas na cidade e sobre a constituição das territorialidades a partir dos fluxos e deslocamentos que elas almejam tendo por base os lugares citadinos.

A cidade e as travestis

- 11 Por diversos momentos durante a observação participante dialogou-se com as interlocutoras sobre travestilidades, localidades e contextos, isto é, sobre a vida de nós, travestis, em diversos espaços sócio-geográficos, desde “interiorzinho”, “cidades pequenas”, “cidades grandes”, “capitais”, “capitais no Sudeste”, até a “Europa”. Nesta escala taxonômica de baseêmica, Mossoró/RN se encaixa no que seria uma “cidade grande” para as interlocutoras. Embora as classificações demográficas a classifiquem como cidade de médio porte, isto é contextualizado quando os códigos urbanos mossoroenses edificam uma centralidade cidadina no sertão da região Oeste do Rio Grande do Norte.
- 12 Conhecida como a capital do Oeste Potiguar, tem quase trezentos mil habitantes, sendo considerada a segunda cidade mais populosa do Estado, atrás apenas de Natal, a capital. A economia mossoroense tem como alguns dos seus segmentos a fruticultura irrigada, a indústria extrativa e a indústria salineira, sendo a maior comercializadora de sal do país. Mossoró representa, desta forma, uma centralidade frente aos demais municípios interioranos da redondeza. Para as travestis da pesquisa a capital do Oeste Potiguar representa uma vivência de travestilidade mais rodeada de oportunidades comparada com a que é experienciada pelas que moram nas “cidades pequenas” e “interiorzinhos”, acabando por se tornar um lugar estratégico e focal para muitas travestis que moram nas cidades circunvizinhas, ou até mesmo integrando o ciclo migratório das travestis que trabalham com prostituição no Brasil.
- 13 Nas palavras das interlocutoras, Paola: “elas [travestis das cidades menores vizinhas] sempre vêm para Mossoró em busca de mais oportunidade, independente do que venha fazer, seja para fazer programa, seja arrumar emprego, seja para estudar”. Já Gaby comentou: “aqui [Mossoró] é como se fosse um ponto de apoio para as travas dos arredores”. Gaby é um exemplo de travesti que migrou para as terras mossoroenses vinda de uma cidade vizinha em busca de mais oportunidade.
- 14 Quando falamos em cidade referimo-nos à perspectiva antropológica de Michel Agier (2011:32) que fundamenta a noção de *cidade bis*, isto é, “a cidade produzida pelo antropólogo a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos

cidadinos que ele próprio observa diretamente e em situação”, ou seja, o que se vivencia no “campo urbano” produz um conhecimento etnográfico próprio de fortes impactos na compreensão do que “faz a cidade”. Nesse sentido, nosso interesse é contribuir, diante dos estudos urbanos, com as discussões sobre heterogeneidade multicultural e multitemporal e as múltiplas formas de hibridizações, a partir de um olhar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos cotidianos da vida das pessoas que constroem a cidade. É por meio desse olhar que visualizamos as travestis que constroem e são construídas pela cidade.

- 15 A cidade, para as/os antropólogas/os, extrapola as dimensões externas, urbanística, estatística ou administrativa da cidade. Desta forma, não devemos pensá-la baseada em um modelo de cidade ou na dicotomia rural/urbano: a cidade deve ser compreendida por si mesma, pois nesta se produz um conhecimento e modos de vida que detêm especificidades. A partir de cada cidade visualizamos performances de travestilidades diferentes, conforme relatam as interlocutoras com base em seus conhecimentos sobre travestis em outras localidades e a partir de suas próprias vivências na construção da cidade onde residiam. Assim sendo, as situações, processos e mudanças vivenciadas pelas pessoas que fazem a cidade, nas suas estratégias de sobrevivência e seus modos de vida, são mais importantes do que compreendê-la em toda sua magnitude generalista. Segundo Agier (2011:38), a

cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo... trata-se de uma interrogação que diz respeito aos cidadãos e a sua experiência de cidades. A cidade já não é considerada uma coisa que eu possa ver nem um objeto que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, apreensível e vivido em situação.

- 16 A lógica da abordagem antropológica não é questionar “o que é a cidade” mas “o que faz a cidade”, essa desterritorialização desloca o enfoque da cidade para os cidadãos e desloca a própria problemática do objeto para o sujeito, como bem coloca Agier (2011:55): “são as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade, e não a cidade que faz a sociedade. E é este fazer cidade que se observa nas relações sociais, em diferentes formas de sociabilidade”, o espaço é importante, mas os cidadãos e sobretudo as relações estabelecidas por eles nos lugares é que ganha maior atenção antropológica. Nas palavras de Durham (1986:19): “a cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto”. Com uma performance identitária hegemonicamente cidadina, as travestis por meio de suas redes de sociabilidades e socialização, territorialização social-geográfica e elaboração de projetos com influência urbana, também fazem a cidade.
- 17 Tendo por base as concepções sociológicas (Wirth 1967; Simmel 1967) de urbanidade e de cidade atreladas à ideia de indiferença e de antipatia para/com o/a outro/a, de liberdade como essencial, de solidão e de um lugar cujos os indivíduos são socialmente heterogêneos, bem como entendendo que é através das relações sociais do cotidiano que se faz a cidade estudada pela antropologia, é que as travestis se situam e demarcam um território cidadão cuja sua travestilidade é performatizada, ou seja, concomitantemente elas “se fazem” na e fazem a cidade, ocupam e constroem uma territorialidade ao mesmo tempo que delineiam suas identidades.
- 18 A noção de reserva em Simmel (1967), que é uma atitude mental baseada na desconfiança e proteção frente a indiferença cidadina, serve para refletirmos o processo de “isolamento” enquanto estratégia de sobrevivência frente a violência urbana latente contra as travestis. Evitar contato com vizinhos, em graus distintos a partir da

experiência de vizinhança de cada interlocutora, é algo essencial, segundo elas, para a performance cidadina da travestilidade. A fim de evitar comentários e julgamentos, com bases moral e religiosa, sobre o trabalho (prostituição) e até a performance travesti propriamente dita, as travestis defendem, em certa medida, a “reserva”⁶.

- 19 Destarte, é no ambiente urbano que as travestis veem mais alternativas, através de amplas oportunidades que os equipamentos urbanos propiciam, de performatizarem suas identidades. O anonimato, a liberdade, a heterogeneidade, a fragmentação das experiências e o fluxo de outras travestis, características tidas como “mais urbanas”, possibilitam a elas construir seus corpos, suas performances, suas redes de sociabilidade com outras travestis e sobretudo de conseguirem elencar/concretizar objetivos no plano das relações afetivas e da estabilidade financeira.
- 20 A afirmação de Paola quando diz que a “*cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo*” (fumo, no *pajubá*, significa armadilha, uma cilada, é insistir em algo que não dá certo) fortalece intensamente a associação de travestilidade com urbanidade e desse encontro germinam *projetos* (Velho 1981) que interseccionam a prostituição e a afetividade, pois quando as travestis falam em oportunidades na cidade diz respeito principalmente ao trabalho e este é, no caso delas, atrelado ainda fortemente à prostituição, contudo, outros *projetos* surgem sob o prisma da inserção social de nós, travestis, na contemporaneidade.

“Aqui é choque de monstro”: quando os projetos perpassam a prostituição e a afetividade

- 21 “Choque de monstro” é atrito, embate, encontro e desencontro. A frase ficou famosa através da transgênero Rochelly Santrelly no reality show “Glitter: em busca de um sonho” exibido pela TV Diário. As temáticas debatidas nesse tópico representam o embate – choque de monstro – de dois campos entendidos como distintos: a prostituição e a afetividade, ou seja, o sexual/prático e o afetivo/emotivo. Elucidarei sobre este “choque de monstro” diante da ótica do conceito de *projeto* de Gilberto Velho (1981:27) que define da seguinte forma:
- o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes (...). Portanto, insistindo, o projeto é algo que pode ser comunicado (...) o projeto para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público.
- 22 Lidando com questões do individualismo típico das “sociedades complexas industriais” e inseridos em contextos socioculturais, os projetos representam sonhos, objetivos e perspectivas de vida individuais e/ou coletivos, por vezes paradoxais e contraditórios. Assim, começamos por enfatizar de que forma as travestis interlocutoras elaboram seus projetos tendo em vista suas trajetórias de vida e a inserção social destas na contemporaneidade a partir das temáticas: prostituição e afetividade.
- 23 A produção antropológica sobre nós travestis está muito marcada pela presença da prostituição nas análises etnográficas e não poderia ser diferente já que esta compõe o cotidiano da maioria das travestis brasileiras, pois segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) cerca de 90% das travestis e transexuais estão se prostituindo no Brasil. Portanto, o *status* de prostituta é um importante marcador social

que ajuda a compreender as variadas nuances da travestilidade e concomitantemente os *projetos* por elas elaborados.

- 24 Pelúcio (2005a) buscou evidenciar com sua etnografia, realizada no início dos anos 2000 com travestis paulistanas, a importância dos territórios de prostituição como locais fundamentais para a construção da pessoa travesti. Já Kulick (2008), acerca da prostituição travesti em Salvador no início dos anos 1990, nos diz que:
- a prostituição é a única esfera da sociedade brasileira onde as travestis podem ser admiradas e reconhecidas. A prostituição faz com que as travestis se sintam sexy e atraentes. É o único contexto que elas podem desenvolver autoestima, autoconfiança, valor pessoal, além de se sentirem como objeto de verdadeiro e intenso desejo (Kulick 2018:151).
- 25 Benedetti (2005), na segunda metade da década de 1990, ao etnografar as práticas sociais de construção do gênero e a transformação corporal e social das travestis que se prostituíam em Porto Alegre, concluiu que “o espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis” (Benedetti 2005:114). Todas essas conclusões apontam para a centralidade da prostituição na elaboração dos projetos das travestis frente aos seus objetivos de vida que correspondem, em uma determinada parcela, à construção dos corpos, do gênero e das identidades performatizadas.
- 26 A prostituição pode ser encarada, em recortes específicos, como um projeto. Projeto de forte demarcação dentro do campo de possibilidades da vida de nós travestis, agindo coercitivamente sobre nós, não à toa é um estigma social que persegue nossas vidas. Territorializada primordialmente enquanto um fenômeno urbano, a prostituição é um dos principais motivos para a migração das travestis às grandes cidades. Conversando com Gaby sobre essa motivação, ela disse: “as cidades grandes é melhor para as travas trabalharem, porque cidade pequena não rola os “PGs” [programas no pajubá], se não fosse os “PGs” eu estaria na minha cidade no meu antigo emprego”, assim, tal atividade não só incentiva a migração como também possibilita a permanência na cidade. Neste sentido Silvana Nascimento (2014a:385) pontua que “há um desejo de sair do lugar de origem e ir a uma cidade que lhes propicie um maior retorno financeiro e uma maior valorização social de sua pessoa travesti” ao tratar das travestis que pesquisou nas cidades do interior do Litoral Norte da Paraíba.
- 27 Entretanto, estudos vêm evidenciar a prostituição e seus consecutivos deslocamentos em outros contextos, como os interioranos e rurais. Loreley Garcia e Silvana Nascimento (2016) vão apresentar a presença da mobilidade das mulheres cis e trans que se prostituem em áreas rurais e indígenas da Paraíba, já Silvana Nascimento (2014b) vai pontuar sobre a prostituição na estrada da Paraíba e mobilidade das prostitutas entre municípios e cabarés, se deslocando entre campos, cidades e aldeias. Esta autora problematiza, inclusive, essa associação do urbano com a prostituição:
- nota-se uma relação imediatista entre urbanização e prostituição, como se o meio rural fosse um paraíso para as “boas famílias”, seio de uma tradição e de uma moralidade que não abre espaço para práticas sexuais cuja finalidade são as trocas econômicas e comerciais. Nesse modelo, o universo do campo estaria à margem das mudanças sociais especialmente no que se refere à desestabilização dos lugares de gênero e do sexo não convencional (Nascimento 2014b: 73).
- 28 Gaby foi durante muito tempo, no decorrer da pesquisa, a única interlocutora a viver integralmente da prostituição. Sua mudança da “cidade pequena” onde residia com a família e tinha um trabalho concursado se deu por dois motivos: além de facilitar

questões de estudo da universidade, ela teria a possibilidade de fazer os PGs e assim viver economicamente da prostituição. Acompanhei o processo de Gaby para permanecer na cidade de Mossoró/RN e não perder o emprego estabelecido que possuía, ela utilizava de licenças trabalhistas e ficava enlouquecida só de pensar na negação de alguma dessas licenças e ter que regressar. Segundo ela: “*bicha, eu ganho bem mais com os “PGs” do que ganhava no meu trabalho antigo, aí eu vou querer voltar? Eu não em?!*”. Mesmo não querendo retornar ao trabalho formal que possuía, ela não queria perder a segurança que o mesmo possibilitava, pois sabe, como toda travesti, que “*prostituição não é para sempre*”. Através dessas experiências de Gaby é possível visualizar *projetos* em constantes mudanças e coexistindo, para Velho (1981:27):

os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem-se transformar. O “mundo” dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas.

- 29 Não foi apenas nas trajetórias de vida de Gaby que consegui perceber essa dinamicidade dos *projetos*. Ana sempre trabalhou em “empregos formais” e, a partir desses, traçava seus *projetos*. Após a última demissão, ela viu na prostituição uma possibilidade. Em agosto de 2016 fomos a uma padaria tomar café, lá Ana relatou: “*bi, eu era boba*”, referindo-se ao fato de ter demorado a começar a se prostituir. Segundo ela, tal como Gaby relatou, a renda com os “PGs” é bem mais elevada comparada ao salário do trabalho formal. Outro dia, acompanhei Ana até uma escola estadual da cidade, na qual ela ministraria uma palestra relatando sobre sua vivência escolar enquanto travesti. Depois de vários relatos sobre a transfobia na escola, ela falou pela primeira vez em público que estava trabalhando como “*profissional do sexo*” e finalizou sua fala dizendo que “*vou ser uma futura atriz pornô*”. A aproximação dela com a militância trans faz com que tenha uma outra análise da prostituição e por isso não tem problema em falar da atividade remunerativa que desenvolve. A última afirmação de Ana na palestra estava relacionada com o fato dela, além de realizar os “PGs”, também estava trabalhando como “*trans streep virtual*”.
- 30 Paola trabalhava como cabeleireira em um salão situado em um bairro nobre da cidade. Karla trabalhava no setor de faturamento em uma clínica médica. Ambas faziam os “PGs” de forma esporádica, entendendo como “*renda extra*”, e faziam a mesma análise no que se refere a prostituição. Para elas, antes de tudo, os homens são “*uns lixos*”, nas palavras de Paola: “*esses homens são todos uns lixos, só querem comer as travas e depois tchau, por isso meto a carteira mesmo, meto a multa [ambas as expressões significam cobrar pelo sexo]. Se é só para me comer eu vou pelos menos cobrar, né mona?*”. A partir dessa afirmação consentida pelas duas amigas, podemos delinear uma forma de resignificação da objetificação do corpo de nós travestis, por parte delas, que tentam inverter a lógica ao cobrarem pelo sexo, dando uma outra faceta à prostituição, que, além de possibilitar uma “*renda extra*”, apresenta-se como forma de resistência ao processo de hipersexualização que sofrem⁷. É paradoxal, mas a forma que encaram tal fenômeno expressa um determinado tipo de *projeto* de cunho político.
- 31 Em suma, a prostituição pode ser lida, seja como um *projeto* ou como basilar de outros, enquanto um mecanismo estratégico de resignificação das relações afetivas projetadas pelas travestis que moram em Mossoró/RN frente ao processo de objetificação de seus parceiros. Também pode ser compreendida enquanto status de uma militante que possui essa vivência, assim como entendida enquanto via que possibilita a residência e a permanência na cidade, e por último, apreendida como fonte de acumulação de

dinheiro que será investido nos projetos relacionados aos processos de transformação corporal e aquisição de bens materiais⁸. Neste sentido, Letizia Patriarca (2017:4) dirá que “é justamente através da prática da prostituição ali realizada, que as travestis conseguem juntar dinheiro para suas transformações corporais e/ou para suas aspirações a bens e viagens”.

- 32 Todas as interlocutoras fazem publicidade de seus serviços através dos sites e blogs de anúncio local. Realizam os “PGs” em motéis, hotéis e algumas em suas próprias residências. Elas têm consciência que o trabalho enquanto profissionais do sexo não é para sempre. A prostituição assume uma temporalidade diante das limitações etárias (impostas) e da própria projeção dos corpos dentro destes projetos. Vanessa Sander e Lorena Oliveira (2016:71) abordam como “as noções de envelhecimento ou de geração vivenciadas pelas travestis estão calcadas menos na idade que nas dinâmicas do mercado do sexo, que valorizam fortemente a juventude”.
- 33 No entanto, outros projetos paralelos são elaborados. Paola estava se organizando para fazer um curso técnico de enfermagem, Karla se assegurava no emprego formal que possuía, Ana almejava tanto uma carreira política quanto vislumbrava a possibilidade de ser radialista, sem contar na possível profissão de atriz pornô. Gaby não pensava em deixar seu trabalho concursado, assim como estava empolgada no seu curso de graduação.
- 34 Atualmente acompanhamos a ampliação dos espaços sociopolíticos ocupados por pessoas trans, e em decorrência disto, o aumento das possibilidades de criação de projetos variados. Óbvio que ainda há limitações e que os casos publicizados de conquistas nossas sempre denotam um exotismo por parte da mídia. Entretanto, a presença de nós pessoas trans na universidade, nas mídias e nos trabalhos formais das mais diversas esferas, representa projetos que, intrinsecamente, são políticos e disputam a ocupação de espaços de poder na sociedade. Segundo Velho (1981:33-34):
- os projetos constituem, portanto, uma dimensão da *cultura*, na medida em que sempre são expressão simbólica. Sendo *conscientes e potencialmente públicos*, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social. Assim, implicando relações de poder, são sempre políticos.
- 35 Os projetos com caráter político que cunham a organização e mudança social são denominados por Velho (1981) de projetos sociais, estes são especialmente coletivos, muito embora “sua visibilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em mapear e dar um sentido às emoções e sentimentos individuais” (Velho 1981:33). Desta forma, assim como cresce a “militância trans” na defesa de interesses conjuntos, percebemos a importância que esse movimento está dando às discussões entendidas, a priori, como individuais/subjetivas, por exemplo questões relacionadas à afetividade. Para Le Breton (2009:113):
- a afetividade simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida cotidiana oferece sobre uma trama descontínua, ambivalente e inatingível, por conta da complexidade de sua mosaico.
- 36 Maria Clara Araújo é uma militante transfeminista, estudante de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Ela escreve constantemente sobre suas vivências nas redes sociais, e a afetividade é sempre pauta recorrente. Em um texto publicado no blog ‘Transfeminismo’ em outubro de 2015, Maria Clara Araújo relata:
- O processo de desumanização diário que somos, infelizmente, expostas refletem não só nos índices de evasão escolar e de não estarmos no mercado de trabalho, mas

também em questões afetivas. Na nossa interação com o outro. Com a nossa expectativa afetiva em relação ao outro.

- 37 As questões que rondam a afetividade de nós travestis trazem consigo o caráter subjetivo e coletivo. Recordo de duas colocações instigantes que Ana e Karla fizeram em diálogos distintos. A primeira relatou de um “*boy magia*” [homem bonito, no *pajubá*] que era piloto de avião e tinham conhecido no *Tinder* (aplicativo de relacionamento), após relatar sobre a beleza dele e tal, ela falou toda eufórica: “*ele até beija, bi*”. Karla também relatou sobre um “*bofe escândalo*” com quem estava saindo; ao falar sobre o envolvimento sexual ela disse que ele não a estimulava, no entanto “*ele é ótimo, bem carinhoso, beija muito na boca, bicha*”. O beijo é uma expressão básica do afeto entre pessoas. Os relatos acima dão uma magnitude enorme a um fato que é corriqueiro entre cisgêneros e até homossexuais, evidentemente com as limitações, mas para as interlocutoras o ato de um boy/bofe magia/escândalo beijá-las ainda é algo que as impressiona⁹. A partir desse pequeno ato, vislumbramos minimamente o que Maria Clara Araújo chama de “processo de desumanização diário” que nós travestis vivemos como no exemplo da banalização do afeto.
- 38 O trecho da epígrafe da introdução deste artigo que diz: “o amor eu aposto no jogo entre cartas, cervejas, fogo e queijo coalho; No baralho jogo os "As"; Te embaralho, sou dama de paus”, expõe, de forma subliminar e poética, a maneira como nós travestis lidamos estrategicamente com o amor, que no caso da música é apostado num jogo em que o outro jogador fica desorientado ao saber a identidade de gênero da travesti e do sentimento dela por ele.
- 39 Conforme descrito nas etnografias de Kulick (2008), de Benedetti (2005) e de Pelúcio (2005a) todas as travestis desejam, em graus distintos, ter um “marido/namorado”, e na análise desses autores, esse desejo está inscrito na busca de um “homem de verdade”, isto é, alguém que performatize uma masculinidade hegemônica (Vale de Almeida 2000)¹⁰ e seja ativo/penetrador sexualmente falando. Isto não deixa de estar presente no discurso das travestis interlocutoras da pesquisa. No entanto, há um processo de transcendência dessa lógica, em que partindo de um contexto diferente – o atual, com todos os progressos paradoxais da sociedade – um relacionamento representa, sobretudo, o fortalecimento da afetividade, e assim a elaboração de projetos que pautem diretamente esse fenômeno. Esses projetos se elaboram a partir e nos limites da seguinte premissa de Velho (1981:28): “as minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade”.
- 40 O contexto diferente que referimos acima é traçado muito em decorrência do que foi descrito por Karla e Paola. A primeira disse: “*mulher, eu fui casada durante quatro anos, depois que me separei não namorei mais não... os ocó [homens] só querem putaria*”, a segunda complementou: “*mulher, eles vêm com linha [papo] de namoro sério, de num sei o quê, pá pá pá... aí depois, mulher, você sabe como é a linha, né!? Fica uma semana, duas semanas, às vezes nem isso e somem. Eles são uns lixos*”. A ligação direta dos homens com a promiscuidade e falta de compromisso afetivo realizada pelas interlocutoras, é algo que é alimentado social e historicamente pelo machismo.
- 41 Porém não é “coisa de homem com qualquer mulher”, nós travestis temos nossos sentimentos e corpos lidos como abjetos¹¹ quando comparadas às mulheres cisgêneros, e que, em recortes diferentes, também sofrem com tal “comportamento masculino”. No caso de nós travestis, a experiência afetiva correspondida é quase inexistente, com

poucos avanços, seja no âmbito público ou mesmo no privado. Contudo, não deixamos de construir projetos conjugais. Vejamos o relato de Paola:

porque não vou mentir, mulher, tenho essa vontade de me casar, sabe? Viver uma vida simples mesmo, com alguém, porque se minha mãe morrer eu fico só... Nunca tive essa sensação de ter alguém que realmente goste de mim, sabe? Tipo um namorado preocupado, que pense as mesmas coisas que eu. Aqui em Mossoró só tem lixo, que só pensa em fuder e tchau. A necessidade que sinto é de alguém compartilhando o dia a dia. Eu sonho com um casamento. (Desabafo – nas palavras da própria - via áudio no WhatsApp quando falávamos de nossas relações afetivas).

- 42 Para além desse projeto específico de Paola, inteiramente ligado à ideia de um compromisso fortificado na afetividade mesmo conhecendo a cruel realidade, o relato dela expressa assim a esperança de concretizar um fato social compreendido como máxima das relações afetivas: o casamento.
- 43 Há outra temática importante no tocante à afetividade: as mães. Todas as interlocutoras mantinham bons relacionamentos com suas mães. Com exceção de Gaby, que mora sozinha, todas residiam junto delas. Mesmo distante da sua, Gaby me relatou dentro do ônibus, a caminho da universidade, que sua relação com a mãe é muito tranquila, a prova disso é que no período em que foi realizar a cirurgia de implante de próteses de silicone nos seios, a mãe e até irmãs ajudaram-na bastante: “*mãe lavava até minhas calcinhas, bicha*”, conta ela sorridente.
- 44 Sabemos que as trajetórias de vida de nós travestis, no geral, referente ao relacionamento com a família, são marcadas por espaços de conflitos intensos que geralmente acabam culminando na expulsão de muitas travestis de seus lares. Este não foi o caso das interlocutoras que se veem, inclusive, como privilegiadas. Apesar de terem conflitos familiares, algo permanece minimamente estável e basilar: suas relações com as mães e a aceitação por parte delas são estas que alimentam principalmente as lacunas dos projetos de afetividade das travestis da pesquisa.
- 45 A realidade configura-se, portanto, divergente da descrita por Kulick (2008:194), que aponta: “o fluxo unidimensional de dinheiro e bens das travestis para seus familiares é análogo ao fluxo que vai das travestis para seus namorados. Nos dois casos, trocam-se bens materiais por afeto e reconhecimento”. Também baseado nesse apontamento de Kulick, as travestis interlocutoras são sempre questionadas se seus namoros se sustentam por interesse financeiro por parte de seus parceiros, conforme me relatou Ana sobre as indagações que uma amiga dela travesti passa cotidianamente concernente ao relacionamento que mantém. Socialmente ainda é difícil entender que travesti pode e deve, logo que deseje, construir uma relação afetiva com outra pessoa.
- 46 Assim como as relações familiares de nós travestis vêm passando por mudanças, a recorrência de relacionamentos tem aumentado seja com homens ‘cis’ ou ‘trans’. Mesmo com o avanço do conservadorismo/fascismo que vivenciamos no país atualmente, é complexo dizer que a aceitação e tolerância com pautas do movimento LGBTIs tem progredido. Com a transfobia enraizada em todos os espaços sociais é difícil sustentar uma relação ‘trans-afetiva’ quando, principalmente, uma das pessoas envolvidas é cisgênero, por isso tem se tornado mais recorrente ver casais formados por um homem trans e uma travesti, isto é, transcentrado.
- 47 Paola e Karla relataram em uma conversa que, apesar de estranharem um pouco, manteriam tranquilamente uma relação com um homem transexual. Inclusive depois dessa conversa que tivemos sobre relacionamentos entres pessoas trans, elas

ampliaram as percepções de afetividade e construção de projetos afetivos que possuíam.

- 48 A afetividade de nós travestis sofre interferência da hormonização, que age nas oscilações de emoções e sentimentos vivenciadas por nós, e, por conseguinte, nos nossos projetos de afetividade. Pelúcio (2005a:100) aponta que: “os hormônios femininos que ingere a deixam nervosa [travesti da pesquisa]. Essa perturbação se manifesta pela irritabilidade, pela propensão maior a “estourar”, a não ter controle sobre seus sentimentos e reações”. Seguindo essa linha de raciocínio, em um diálogo com Paola sobre um possível namorado, ela disse: “*mas é que sou estressada, com esses hormônios e tudo eu fico estressada. No começo a trava [ela própria] num queria se apegar, mulher. Mas depois, nam, diague [poupe-me no pajubá] já estava apegada ao bofe*”. Apesar dos problemas com hormônios que Karla e Gaby tiveram, por exemplo, todas as interlocutoras, que os tomam em ciclos específicos, já comentaram, pelo menos uma vez, que eles foram agressivos ou com o corpo ou com a mudança repentina de temperamento. Neste sentido, a solidão, a carência e o estresse são ocasionalmente intensificados tanto social, com a estigmatização e discriminação da sociedade, quanto biologicamente com a ingestão de hormônios.
- 49 O encontro desses dois aspectos presentes nas trajetórias de vida das travestis interlocutoras, a prostituição e a afetividade, se dá por meio dos projetos que constroem, pois, a travesti que se prostitui, pelo motivo que for, é a mesma que quer vivenciar minimamente sua afetividade; são paralelos de uma mesma vida que se “chocam”, encontrando-se e desencontrando-se constantemente. A escolha dessas duas temáticas para pensarmos os projetos das interlocutoras germina da observação participante que apresenta a sistemática e aproximação desses eixos no cotidiano das travestis residentes em Mossoró/RN. Portanto, o *locus* dessas vivências e da consequente construção de projetos é territorialmente a cidade.

“Para travestis nenhum canto é mil maravilhas”: **discutindo a territorialidade da performance** **identitária das travestis**

- 50 O principal argumento apresentado por todas as interlocutoras quando questionadas sobre a razão das travestis quererem sempre migrar para centros urbanos maiores, elas respondem que há mais oportunidades para pessoas trans nesses contextos socioespaciais.
- Karla: “as travas sempre querem ir para uma cidade maior porque em cidade pequena não tem muita oportunidade para trans”.
- Gaby: “pior que não me vejo morando em cidade pequena, detesto cidade pequena, povo desocupado, falador. É péssimo para tudo, estudar, trabalhar, tudo... e pras travas é mais difícil”.
- Paola: “na cidade grande eu acho que tem mais oportunidades para as pessoas trans, por ser maior a cidade, tem mais respeito, as pessoas veem com mais naturalidade, não é que tenha mais respeito, mas é que as pessoas veem com mais naturalidade”.
- 51 As oportunidades da “cidade” em contraposição às dificuldades do “campo” são marcos definidores da territorialidade que as travestis preferem para performatizarem suas

identidades. Entendemos territorialidade como nos apresenta Claude Raffestin (1993:158-160):

a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral (...) Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade—espaço—tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema.

- 52 Circunscrita nas relações de poder e nas trocas sociais, a territorialidade só pode ser apreendida pela contextualização sócio-histórica e espaço-temporal das relações reais, ou seja, “não é possível compreender essa territorialidade se não se considerar aquilo que a construiu, os lugares em que ela se desenvolve e os ritmos que ela implica” (Raffestin 1993:162). As interlocutoras desta etnografia significam e simbolizam a cidade - em seus lugares e ritmos - enquanto localidade do urbano que territorialmente tem influência protuberante na performatização de suas identidades.
- 53 Paradoxalmente ao desejo migratório citadino/urbano e a centralização da cidade, diferente de Gaby, que não se via morando em uma “cidade pequena” - rural -, Paola comentou sobre a possibilidade de realizar essa migração: “*se for para morar com alguém, sei lá, tipo um marido e ele fosse de lá, eu pensaria em ir*”. Já Karla era bem direta quanto à temática: “*seu eu tivesse nascido em alguma cidade pequena eu moraria sim*”. Diante dessas afirmações já visualizamos uma ténue versatilidade integrada aos discursos quando o assunto é migração, travestilidade e territorialidade.
- 54 Todas confessaram, em algum momento da pesquisa, que almejavam ir para uma “cidade maior”, ou o mais idealizado por elas, para a Europa. Mas Gaby não queria perder seu emprego concursado na cidade onde moravam seus familiares, que é “pequena”, assim havendo a possibilidade de regresso. Karla e Paola, apesar de apontarem as dificuldades da travestilidade em contextos interioranos e rurais, não descartavam a possibilidade de mudarem para uma localidade menor.
- 55 No entanto, socioculturalmente nós travestis somos associadas diretamente à cidade e ao urbano, como se nossa existência fosse predominantemente territorializada pela urbanidade. Diante das discussões de urbanidade, a Antropologia Urbana e a Antropologia de contextos rurais e interioranos vêm com suas análises tentando um distanciamento de considerações baseadas na abordagem dicotômica desenvolvimentista e economicista do rural e urbano. O interesse reside em pensar as pessoas que constroem e dão sentidos a essas localidades a partir das representações sociais, segundo Carneiro (1998:53):
- o ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. (...) No entanto, tal processo não resulta, a nosso ver, numa homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano a um *continuum* dominado pela cena urbana.
- 56 Entretanto, boa parte da produção antropológica sobre travestis ainda fortifica a associação das práticas sociais da travestilidade ao urbano-cidade, subliminarmente invisibilizando possíveis performances identitárias das travestis em outras territorialidades e contextos, como as rurais e interioranos.
- 57 Porém, investidas como o Dossiê Temático “Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas: Novos

descentramentos em outras axialidades”¹² organizado por Lopes; Gontijo; Fernandes & Tota (2016), bem como, o trabalho pioneiro de Gontijo & Costa (2012:183) sobre a vivência da travesti Vanessa na Fazenda Santa Clara na região do semiárido piauiense, que argumenta: “as discursividades desenvolvimentistas e heteronormativas reproduzem a verdade não questionada de um “urbano” civilizador que deve se sobrepor a um “rural” a ser civilizado, mas a trajetória de Vanessa parece mostrar outra realidade”; assim como outras pesquisas realizadas com travestis de contextos interioranos e rurais do Nordeste, como as de Gontijo (2014), Silvana Nascimento (2014a; 2014b), Verônica Guerra (2015) e Totta (2015). Estas empreitadas indicam a emergência de um campo teórico/epistemológico de discussões antropológicas sobre contextos diversos junto dos estudos de gênero e sexualidades e a germinação do que defendemos como desterritorialidade e descentralização da performance identitária travesti associada ao urbano.

- 58 Paralela à ideia de desterritorialidade, dentro da escala taxonômica de localidade iniciada com o “interiorzinho”, “cidades pequenas”, “cidades grandes”, “capitais”, “capitais no Sudeste” até chegar à “Europa”, apresentada no início desse artigo, uma travesti “comumente” almejava “subir de degrau” com intuito de chegar a tão desejada “Europa”, a partir de sua localidade de origem. Não necessariamente tem-se que seguir esta linearidade/sequência, pois alguém que more em uma “cidade pequena” pode, caso tenha condições materiais e subjetivas, ir diretamente para a Europa sem ter que seguir a ordem estimada, e muitas vezes essas classificações se fundem. Essa taxonomia, criada com base êmica para pensar as migrações travestis de forma contínua, pode ser exemplificada, a nível local por meio da descrição de Paola:

mulher, eu acho que as bichas que moram nos **interiorzinhos** assim, sítio, fazenda... até mesmo cidade como, por exemplo, **Areia Branca** [cidade pequena], elas sempre vêm para **Mossoró** [cidade grande]. Mas quem mora aqui já pensa em **Natal** [capital], que é uma capital, ou Fortaleza. As que moram em capital, principalmente **São Paulo e Rio de Janeiro** [capital no Sudeste] vão logo pro **exterior** [Europa].

- 59 Evidentemente que as migrações e os deslocamentos por territórios podem ser contínuos, fluídas e/ou cíclicos, mas uma coisa é unânime para as interlocutoras: todas almejam ir para a Europa. As etnografias da área também evidenciam isso.
- 60 Pelúcio (2005b:242) começa por dizer que o grande sonho das travestis brasileiras que vivem da prostituição é ir para a Europa, pois: “na Europa existe algo que todas as travestis repetem: o respeito à sua condição”. Kulick (2008) assinala que a motivação da viagem das travestis para a Europa era principalmente o dinheiro e a realização de sonhos. Pelúcio (2005b:245) acrescenta dizendo que além da possibilidade de ascensão social com o dinheiro arrecadado é: “na Europa que adquirem um outro traquejo: aprendem a falar um novo idioma, conhecem culturas diferentes, orgulhando-se de se aproximarem de um refinamento burguês, o que leva a um consequente afastamento do gueto”. Nesta linha, Duque (2011:61) dirá que: “a Europa significa o ponto de virada, promovendo-as no mercado sexual brasileiro e dando-lhes oportunidades de transformações radicais no corpo”, os investimentos sofisticados nos corpos possibilitam uma maior “passabilidade” que é algo fortemente presente no padrão de travestilidade que muitas travestis desejam. Duque (2011:61) apresenta, portanto: “a *européia*, ou seja, a categoria êmica mais valorizada no meio travesti por denotar sucesso, enriquecimento e sofisticação, tanto na construção de um corpo feminino como nos gestos, vocabulário e aprendizado de uma língua estrangeira”. Já Flávia

Teixeira (2008:278) argumenta que “a vivência da prostituição e o sonho de trabalhar na Europa integraram o universo da travesti, compondo sua subjetividade”

- 61 Assim sendo, não poderia ser diferente com as travestis de Mossoró/RN. Após eu ganhar uma bolsa para estudar um semestre da graduação em Lisboa-Portugal, elas sempre falavam que a Europa era “boca de sissi”, ou seja, o lugar de residência dos sonhos. Um dia caminhando comigo pelo Parque Municipal da cidade, Ana falou: “*Europa é luxo, mona, me leve na sua bagagem (risos)*”. Já Karla na minha festa de “até logo” disse-me: “*bicha, me leve com a senhora (risos)*”. No período que estava na Europa, ao conversar com Gaby via *Messenger* ela comentou: “*mulher me trafique (risos)*”. Em conversa com Paola pelo *WhatsApp*, ela confessou: “*seu eu pudesse eu ia era para fora do país, bicha. No exterior a mana pode fazer muitas coisas, viver outra realidade... há uma liberdade maior de você ir e vir*”. Os pedidos das três primeiras e o desejo da última só reforçam a ideia da Europa enquanto territorialmente “ideal” para a performance da identidade travesti, pelos vários fatores apresentados.
- 62 Os deslocamentos e as migrações são, de forma geral e na maioria das vezes, apreendidas como empreendimentos, especialmente quando o destino é Europa, são assim projetos, na visão de Velho (1981:29): “o projeto, sendo consciente, envolve algum tipo de cálculo e planejamento”, então para realizar qualquer viagem há minimamente uma programação e um objetivo. Gaby já morou em Natal e em São Paulo, com a temporada que passou em São Paulo conseguiu juntar dinheiro para colocar as próteses de silicone nos seios. Em paralelo a essas migrações esporádicas, a exemplo das feitas por Gaby, há no Brasil - ou é apenas no Nordeste (?) - uma espécie de circuito migratório de prostituição, onde travestis migram de cidade em cidade a fim de oferecer sempre novidades no mercado sexual. Nas palavras de Gaby: “*tem umas que vivem viajando de cidade em cidade, porque se ficar muito tempo numa cidade elas deixam de ser novidade e cliente que não é fiel gosta de colecionar travas, os famosos “t-lovers”, os amantes de travestis*”.
- 63 De um lado temos a Europa, as migrações, a urbanidade, a prostituição, as oportunidades etc., do outro o que temos? a ruralidade territorializada pelos “interiorzinhos” e “cidades pequenas” cuja travestilidade não pode ser posta em questionamento porque todas as interlocutoras, mesmo morando na “cidade grande”, conhecem travestis que residem nessas localidades. Portanto, há travestis em áreas rurais e contextos interioranos performatizando identidades pouco conhecidas no Oeste Potiguar e possivelmente com trajetórias como a de “Vanessa que parece demonstrar que há lugar para arranjos que destoem do modelo hegemônico e que negociações estão sempre em jogo” (Gontijo & Costa, 2012:184). Respondendo à indagação contida no final do último parágrafo do texto de Gontijo e Costa (2012) quando questionam se Vanessa é um caso pitoresco por ser uma travesti do campo, a resposta é não, pois ela não é a única. Em diálogo com Paola, ela afirmava:
- No interiorzinho é muita trava, muita. Todo interiorzinho que você vai por aqui você vê muita trava. Eu não sei se pra elas, no interiorzinho é mais fácil se assumir, se vestir. Quando eu fui em Felipe Guerra eu fiquei abismada, tinha uma belíssima, mas tem umas que chegam a ser bem ‘estranhas’, não estranha no sentido de menosprezar, elas não tão nem aí, entendeu? Tem coisas que elas fazem que são uma grande afronta na cidade grande, andam na rua durante o dia montadas.
- 64 O que seriam travestis que “*chegam a ser bem estranhas*” para Paola? Há, para ela, algum padrão inconsciente de “comum/normal” da travestilidade que talvez as travestis do “interiorzinho” não se enquadrem? Também é intrigante a surpresa dela pela “*afronta*”

da performance travesti de contexto rural e interiorano, pois “*andam na rua durante o dia montadas*” algo pouco habitual nas “grandes cidades”. Por mais que Carneiro (1998) aponte para as reelaborações e as apropriações diversas que as representações sociais de ruralidade e a dicotomia rural/urbana estão sujeitas, ainda permanecem, pelo que parece, no caso de nós travestis, marcadores socioculturais e espaço-temporais assentados na territorialidade das diferentes performances em contextos rurais e urbanos, onde talvez haja similitudes, divergências, projeções, analogias, contradições e câmbios entre essas performances. Explanando sobre a dicotomia “cidade grande” e “interiorzinho”, Paola argumentava:

Na cidade grande eu acredito que seja melhor em algumas coisas, mas também seja pior em outras. No interiorzinho assim, depende muito da cidade pequena, mas só por ser maior [a cidade] aumenta a naturalidade porque se ver muitas e no interiorzinho são poucas. Mas, por outro lado, a violência é maior, direto travestis e transexuais são mortas em capitais e cidades grandes. A violência é maior para todos os gêneros, mas você sabe que existe um índice maior para as pessoas trans, elas morrem mais por ser trans. Do mesmo jeito que existe mais pessoas tolerantes ainda continuam a existir pessoas intolerantes. Mas o interiorzinho ainda é mais intolerante do que cidade grande, só não é mais violento, o preconceito ainda é maior.

- 65 A violência contra travestis apontada por Paola é nitidamente urbana/citadina¹³. Em 2017 um caso de transfobia ganha bastante visibilidade no território brasileiro, trata-se da morte brutal da travesti Dandara do Santos de 42 anos de idade, no estado do Ceará. No dia 15 de fevereiro, foi filmada enquanto era espancada por um grupo de jovens, que posteriormente ao espancamento cometem o assassinato, isso em um bairro da cidade de Fortaleza. O vídeo de 1 minuto e 20 segundos termina quando os assassinos a colocam em um “carrinho de mão” após os quase dois minutos torturantes de violência explícita. Infelizmente este não é um caso excepcional, muitas “Dandaras” são “apedrejadas” cotidianamente no Brasil.
- 66 Segundo o Monitoramento da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (Rede Trans Brasil) até outubro de 2018 já foram assassinadas cerca de 120 travestis e transexuais no país¹⁴. O Grupo Gay da Bahia (GGB), principal órgão que coleta e divulga dados de LGBTIfobia no país, apresenta em seu relatório 445 LGBTIs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais) mortas em detrimento da LGBTIfobia no Brasil em 2017, sendo 387 assassinatos e 58 suicídios, um aumento de 30% em relação a 2016, quando registraram-se 343 mortes. As travestis e transexuais correspondem a 191 das mortes, cerca de 42,9%¹⁵. A Transgender Europe aponta para um total de 2.264 homicídios a transexuais, 7 travestis e transgêneros, baseados em uma pesquisa sobre 68 países em todo o mundo entre 01 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2016; o Brasil é o primeiro do ranking com 900 homicídios¹⁶.
- 67 Esses dados inserem nós travestis numa necropolítica, concepção desenvolvida por Mbembe (2012:135) para designar “a destruição material dos corpos e populações humanos julgados como descartáveis e supérfluos”, e possibilita perceber a ontologia corporal repensada a partir da “condição precária” e os enquadramentos das vidas consideradas vidas (Butler 2015). A violência urbana, principalmente a física, se sobrepõe à intolerância rural, como interpreta Paola. Para Carneiro (1998:59):
- nesse sentido, importa mais do que tentarmos redefinir as fronteiras entre o “rural” e o “urbano”, ou simplesmente ignorar as diferenças culturais contidas nessas representações sociais, buscar, a partir do ponto de vista dos agentes sociais, os

significados das práticas sociais que operacionalizam essa interação e que proliferam tanto no campo como nos grandes centros urbanos.

- 68 O que parece integralizar as vivências das travestis nessas territorialidades, a priori, é a transfobia, seja expressa pela “cidade violenta” ou pelo “campo intolerante”, baseando-se na interpretação de Paola. No entanto, ficam-nos questionamentos sobre o que mais une a vivência social e performatização das travestis localizadas em territórios distintos? O que aproxima essas performances cujas territorialidades estão em constante questionamentos? E de que forma as travestis dão sentido, a partir de uma localidade, à performance das travestilidades?

Considerações

- 69 A performatização das identidades das travestis no contexto urbano mossoroense é aqui compreendida como todo o processo que envolve um conjunto de elementos identitários ramificados, descentrados, contingenciais e fluídos, que são interpretados e transmitidos por via da socialização e das redes de sociabilidades que as travestis constroem, lidando com os conflitos sociais cotidianos e a violência física e simbólica iminentes. A performance identitária se territorializa, no caso das interlocutoras, no contexto urbano da cidade de Mossoró/RN, sendo que quanto mais fortificada a urbanidade, maiores são os mecanismos disponíveis para a performatização de um tipo de travestilidade específica, a urbana.
- 70 Pode-se afirmar que as performances das identidades travestis não têm, apesar da preponderância da influência urbana, uma única territorialidade. Os territórios são “dissimétricos” como diria Raffestin (1993). É através da ideia de que há uma fluidez e descentramento do processo de performatização, que este pode ser experienciado em qualquer localidade cujas pessoas reivindiquem tal identidade sem ter que corresponder a todo o conjunto de signos e símbolos sociais que essa performance pressupunha em territórios entendidos como hegemônicos.
- 71 Há várias nuances de travestilidades performatizadas tendo por base os territórios que se alocam e “é na possibilidade de se estabelecerem relações de alteridade, como os “de fora” que reside a capacidade do grupo de definir a sua identidade sustentada no pertencimento a uma localidade” (Carneiro 1998:62). As experiências de alteridade fazem germinar novas formas de constituir identidades nas mais diversas localidades.
- 72 A experiência urbana da cidade de Mossoró/RN não é, dentro da escala taxonômica onde os extremos são os “interiorzinhos” e a “Europa”, o principal *locus* idealizado pelas interlocutoras para suas performances identitárias. No entanto, os espaços urbanos de forma geral, incluindo a realidade mossoroense, têm predominância para a vivência travesti, porque além de haver mais oportunidades, como relatam as interlocutoras, questões como a liberdade, o anonimato e a heterogeneidade possibilitam mais experiências e fluxos delas nesses lugares marcados pela urbanidade. É a partir do leque de possibilidades que a cidade dispõe que as travestis elaboram e concretizam seus *projetos* no plano das relações afetivas e na busca de estabilidade financeira, e concomitante temos a performatização da identidade travesti que é perpassada por questões da afetividade e prostituição.
- 73 Contudo, existem outras territorialidades cuja vivência travesti é pouco conhecida, como as áreas rurais e os contextos interioranos. Aqui reside um tema inquietante para

uma investigação futura: como em outras territorialidades, como as rurais e interioranas, as travestis performatizam suas identidades.

- 74 Em suma, é na cidade que Gaby, Paola, Karla e Ana elaboram seus projetos interseccionando afetividade e prostituição, que se projetam na vida, construindo e concretizando sonhos e objetivos a partir da experiência urbana. As grandes metrópoles representam a territorialidade profícua a uma performance identitária que as travestis tanto almejam. É no/do urbano, com todas as representações sociologicamente designadas, que as travestis performatizam suas identidades construindo o feminino. Porém, como diria Paola, “*para travestis nenhum canto é mil maravilhas*”. Por isso, parafraseio a “bixa travesti” Linn da Quebrada quando na sua música ‘Mulher’ diz: “eu bato palmas para as travestis que lutam para existir”, porque somos nós que existimos e resistimos cotidianamente em todos os lugares, espaços e territórios.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- ARAÚJO, Maria Clara. 2017. Por que os homens não estão amando as mulheres trans? In: <https://transfeminismo.com/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans/> Acessado em 20 de setembro de 2017.
- AZEVEDO, P. 2017. “Travesti não é bagunça” - etnografia da performance identitária das travestis no contexto urbano mossoroense. Mossoró/RN: Monografia de Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado), UERN.
- BENEDETTI, Marcos Renato. 2005. *Toda Feita: o corpo e o gênero das Travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BUTLER, Judith. 2015. *Quadros de guerra - quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. 2016. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- CARNEIRO, Maria José. 1998. “Ruralidade: novas identidades em construção”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 11, outubro: 53-75.
- DUQUE, Tiago. 2011. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume.
- DURHAM, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. In. *A Aventura Antropológica*. CARDOSO, Ruth (org.). 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 17-37.
- FONSECA, Claudia. 2011. “O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'”. *Teoria e Cultura*, v. 2, n. 1 e 2.

- FOOTE WHYTE, W. 2005. “Sobre a evolução de Sociedade de Esquina”. In. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GARCIA, Loreley & NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2016. Primas: Retratos da Prostituição Feminina na Paraíba (ebook). 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2016. v. 1. 75p.
- GEERTZ, Clifford. 2008. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC.
- GIRARD, René. 2008. “O sacrifício”. In: A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra.
- GONTIJO, Fabiano. 2014. Kátia Tapety: ora mulher, ora travesti? Gênero, sexualidade e identidades em trânsito no Brasil. Cadernos Pagu (43), julho-dezembro de 2014.
- GONTIJO, Fabiano; COSTA, F.C.S. 2012. “Ser Travecto é Melhor que Mulher”: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense. Bagoas, n. 08. pp. 171-186.
- GUERRA, Verônica Alcântara Guerra. 2015. Sou Salobra: travestilidade, lazer e sociabilidade no Litoral Norte da Paraíba. Dissertação de mestrado em Antropologia. João Pessoa: Programa de Pós-graduação em Antropologia/UFPB.
- HALL, S. 2006. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- KULICK, Don. 2008. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- LE BRETON, David. 2009. “Antropologia das Emoções”. In. As Paixões Ordinárias. Petrópolis: Editora Vozes.
- LOPES, M.; GONTIJO, F.; FERNANDES, E. & TOTA, M. 2016. Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interiores e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas. Novos descentramentos em outras axialidades (dossiê). ACENO, Vol. 3, N. 5. Jan. a Jul.
- MAGNANI, J. Guilherme. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS. Vol. 17. Nº 49. Julho. pp. 11-29.
- MBEMBE, Achille. 2012. “Necropolítica, una revisión crítica”. In: GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas. México: UNAMMUAC.
- NASCIMENTO, Silvana. 2014a. “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. In: Revista de Antropologia, vol 57, n2.
- _____. 2014b. “Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba”. Revista Ártemis, Vol. XVIII nº 1; jul-dez.
- ORTNER, Sherry. 2007. “Poder e Projetos: reflexões sobre a agência”. In. GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (orgs.) Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra. pp. 45-80.
- PATRIARCA, Letizia. 2017. Pelo bairro: um exercício descritivo da prostituição de travestis no Jardim Itatinga. In: Ponto urbe, v.1
- PELÚCIO, Larissa. 2005a. “Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas”. Campos 6(1-2): 97-112.
- _____. 2005b. “Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti”. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro, pp. 217-248.
- RAFFESTIN, Claude. 1993. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática.

SANDER, Vanessa & OLIVEIRA, Lorena Hellen. 2017. “Tias? e? novinhas?: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte. SOCIEDADE E CULTURA, v. 19, p. 69-81.

SIMMEL, Georg. 1967. “A metrópole e a vida mental”. In: O fenômeno urbano. VELHO, Otávio (org.). Rio de Janeiro: Zahar.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. 2008. L’italia dei divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. In: Cadernos Pagu (31).

TOTA, Martinho. 2015. Cinco Vidas: travestilidades, gênero, sexualidades e etnicidades no interior da Paraíba. Revista de Antropologia 58(2)-2015.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. 2000. Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século.

VELHO, Gilberto. 1981. “Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas”. In. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar editores.

WIRTH, Louis. 1967. “Urbanismo como modo de vida”. In: O fenômeno urbano. VELHO, Otávio (org.). Rio de Janeiro: Zahar.

NOTAS

1. Artigo apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, com contribuições das participantes do GT 40 - Fronteiras, saúde, gênero e sexualidade: conexões, deslocamentos e alteridades corporais, espaciais, temporais. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
2. Vale salientar que a “escolha” foi realizada mutuamente. Pensar as interlocutoras como passivas já é algo obsoleto no fazer antropológico. Desta forma, muito mais que escolhas, a vivência antropológica possibilitou aquilo que Foote Whyte (2005) chamou de princípio de reciprocidade interpessoal, onde as interlocutoras têm papel ativo, inclusive em “aceitar” ou não quem está pesquisando. Exemplo prático: no início da pesquisa eu tinha “selecionado” uma travesti que depois disse não querer mais contribuir com o estudo. Portanto, a “escolha” envolve toda uma complexidade e relações de poder.
3. Os nomes das interlocutoras adotados nessa etnografia são fictícios pelo fato de serem discutidas questões delicadas sobre suas vivências. Compreendendo o dédalo circunscrito na questão do anonimato e a responsabilidade do autor na escrita exposto por Fonseca (2011) não só preferi não usar os nomes verdadeiros, como também tentei preservá-las ao traçar seus perfis de forma mais genérica.
4. Pessoa cisgênero é aquela que se identifica com o gênero designado, a partir da genitália, no seu nascimento.
5. Sobre essa discussão de performance identitária, tendo por base os textos de Butler (2016) e Hall (2006), elenquei alguns elementos constituintes dessa performatização: a politização da identidade ao buscar ressignificar o termo “travesti”, a influência do *pajubá* na produção de uma identidade linguística, a feminilidade construída e reivindicada sistematicamente, a diferenciação de orientação sexual e identidade de

gênero na afirmação da identidade travesti frente a alteridade, e a expressão *queer* da travestilidade (Azevedo 2017).

6. É necessário apontar que há limites na transposição dos conceitos da antropologia urbana, pensados a partir das grandes metrópoles, para refletir sobre uma cidade de médio porte do sertão nordestino, como o caso de Mossoró/RN. Entretanto, é possível fazer conexões contextualizadas etnograficamente.

7. É possível fazer referência à noção de agência de Ortner (2007), ou seja, a propriedade de sujeitas empoderadas, construída culturalmente e relacionada à intencionalidade, poder e universalidade que perpassam a dominação e a resistência. Neste sentido, é válido exemplificar com a agência que as travestis exercem ao rebaterem o discurso do tráfico de pessoas, argumentando em prol de uma autonomia enquanto prostitutas que desejam migrar, conforme aponta Flávia Teixeira (2008).

8. O dinheiro emerge como uma categoria importante, cujos projetos de caráter eminentemente econômico possibilitam a multiplicação do agenciamento das travestis sobre seus trabalhos e seus corpos, que culmina nos deslocamentos promovidos pela ascensão econômica quando se enxerga a prostituição como uma carreira.

9. Com a associação socioculturalmente estigmatizada das travestis com a prostituição, é possível fazer um *link* com a discussão do beijo como um problema “clássico” da prostituição, onde embora uma travesti não se prostitua, ela poderá ser atingida por essa circunstância.

10. Para Miguel Vale de Almeida (2000:17) a masculinidade hegemônica é “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser”.

11. Para Butler (2016:230): “O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornando literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito”.

12. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/issue/view/262/showToc>

13. Apesar que no caso dos “interiorzinhos” podemos visualizar uma violência velada, portanto simbólica, em especial pelo fato de que em pequenos grupos há uma possibilidade maior de controle social no que se refere a atos extremos, conforme perfila Girard (2008).

14. Fonte: <http://redetransbrasil.org.br/2018/10/18/monitoramento-de-assassinatos-trans-outubro-2018/#more-770>

15. Fonte: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>

16. Fonte: <http://tgeu.org/tdor-2016-press-release/>

RESUMOS

A partir da pesquisa de campo etnográfica realizada com quatro travestis entre julho de 2015 e setembro de 2017, nos moldes da antropologia social com base na observação participante, refletimos como o contexto urbano influencia na performance identitária das travestis na cidade de Mossoró/RN. Após apresentar as interlocutoras e delinear os percursos e ambientes da pesquisa, traçamos uma reflexão socioantropológica sobre a cidade, tendo por base o contexto citadino mossoroense. Em seguida, nos detemos a como as travestis constroem seus *projetos* interseccionando a prostituição e a afetividade, e por último discutimos sobre territorialidades e (des)centramento da performance identitária das travestis. Estas significam e simbolizam a cidade - em seus lugares, fluxos e ritmos - enquanto localidade do urbano que territorialmente tem influência protuberante em suas performances identitárias, onde o campo de possibilidades é ampliado pela cidade na construção de seus corpos, suas performances, suas identidades e seus deslocamentos.

Based on ethnographic fieldwork carried out with four *travestis* between July 2015 and September 2017, in the scope of a social anthropology based on participant observation, we reflect on the influence of the urban context in the identity performance of the *travestis* in the city of Mossoró/RN. After presenting the participants and outline the research routes and environments, we trace socioanthropological considerations about the city, regarding the urban context of Mossoró. Following, we focus on how *travestis* build their projects intersecting prostitution and affectivity, and finally we discuss territorialities and (des)centering the identity performance of the *travestis*. These signify and symbolize the city - in their places, flows and rhythms - as urban place that, as territory, has an outstanding influence in their identity performance, where the field of possibilities is widen by the city as they build their bodies, performances, identities and movements.

ÍNDICE

Palavras-chave: travestis, urbanidades, performance identitaria, etnografia

Keywords: travestis, urbanities, identity performance, ethnography

AUTORES

PIETRA CONCEIÇÃO AZEVEDO

Travesti Mestranda do PPGAS-Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail :
piazevedo3@gmail.com

ELCIMAR DANTAS PEREIRA

Professor do DCSP-UERN e Doutorando do PPGAS-Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: elcimardantas@bol.com.br